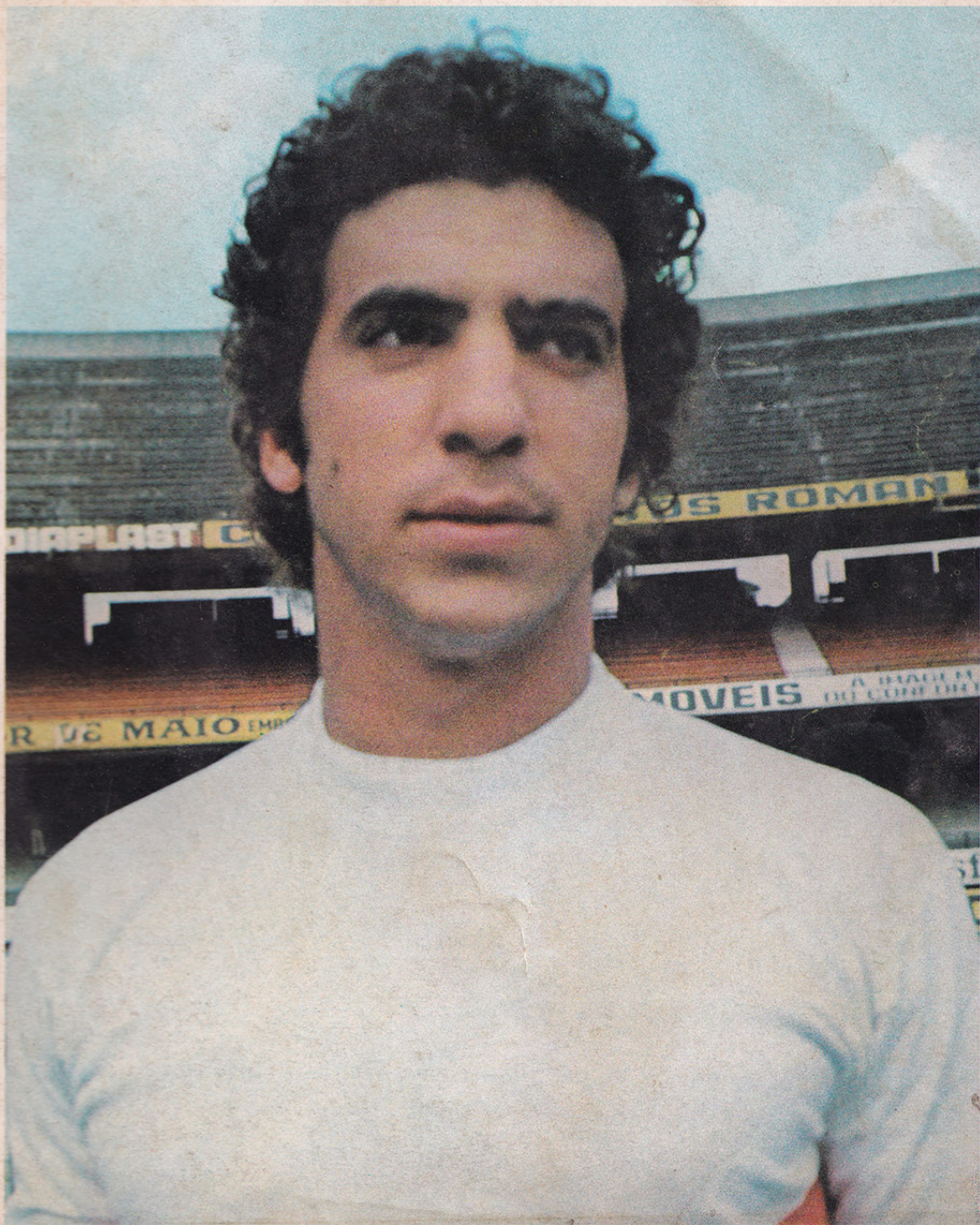
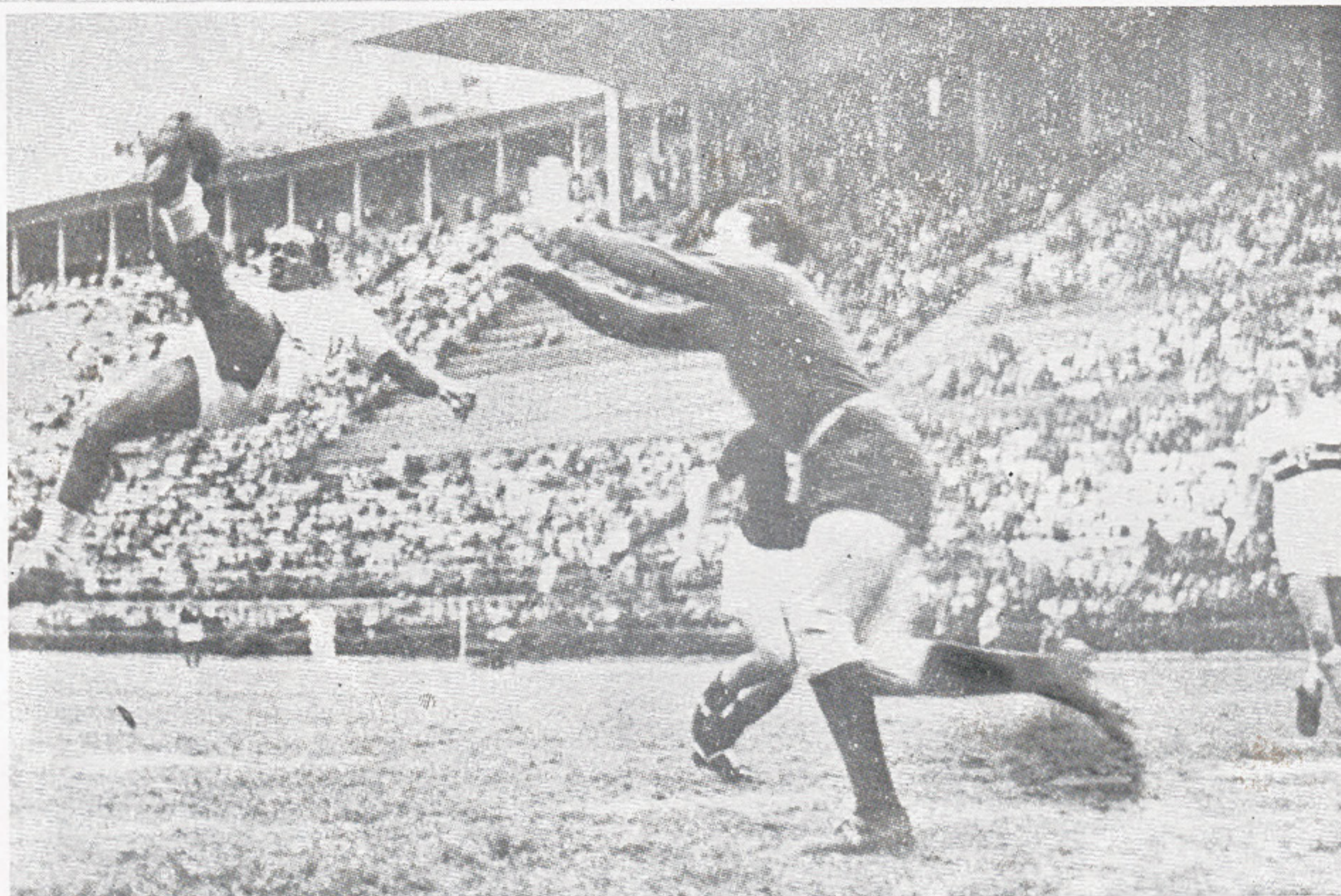




# PAULISTA



## CANTINHO DA RECORDAÇÃO



Leonidas da Silva, executando o lance que o tornou famoso (bicicleta) e fazendo um dos sete gols do S. Paulo na partida conta o Juventus em 1948 pelo Certame Paulista

# PAULISTÃO

São Paulo — Ano 1 - N° 3 — 1980

Publicação do São Paulo Futebol Clube

Certificado de Autorização n. 01/00/011/79  
Secretaria da Receita Federal  
Processo do Ministério da Fazenda  
n. 0168-51.372/79

**DIRETOR RESPONSÁVEL**  
**WALTER LACERDA**

**COLABORADORES**  
Oswaldo Bentini  
Severino Pereira Junior  
Mario Andrade  
Levi Silva  
Mariovaldo Souza Mineiro

**REDAÇÃO**

Praça Roberto Gomes Pedroza 8 - Morumbi - São Paulo

Vários foram os leitores que aplaudiram a idéia da revista «Paulistão», no sentido de lembrar um pouco o passado do futebol paulista e brasileiro. Diante disso apresentamos hoje um lance que tornou famoso Leônidas da Silva: a «bicicleta». Quando ele a aplicou no estrangeiro, pela primeira vez, todo o estádio de Bordeaux, na França, ficou de pé, deslumbrado pela agilidade mágica do futebolista brasileiro, passando então a chamá-lo de «Homem Borracha». Em baixo o Morumbi no seu começo. Muita gente, aliás, não acreditava que tricolor concluiria o seu majestoso estádio!



Carlos Joel Nelli, então diretor de A Gazeta Esportiva, dando o pontapé inicial no primeiro treino levado a efeito no Morumbi. Ao seu lado direito Lanzoninho e esquerdo Dino Sani, hoje técnico do Penarol

TRICOLOR QUER COMEÇAR A NOVA DÉCADA COMO INICIOU A DE 70

# AS "CARAS NOVAS" DO SÃO PAULO PARA 80!

Uma coisa é clara é fora de dúvida: o São Paulo FC pretende cumprir um papel de destaque na temporada de 1980. Ressaltou o presidente Antônio Leme Nunes Galvão, quando de sua entrevista à revista «PAULISTÃO», que no parque social-esportivo a agremiação do Morumbi teve um desenvolvimento dos melhores. Todavia, no tocante ao futebol, muitas coisas não saíram como a direção estava pretendendo. A começar pela falha de um regulamento do certame paulista de 1978, que acabou tirando do «Mais Querido» a possibilidade de o São Paulo chegar ao título máximo bandeirante. Aquela decepção, ferindo em cheio a torcida, também afetou bastante o elenco e o próprio técnico Rubens Minelli. Este quando de sua estada em São Paulo, vindo passar as festas de Natal e Fim de Ano com seus familiares, confessou:

— Uma das maiores decepções tidas em minha carreira foi, sem dúvida, a perda do título do Campeonato Paulista de 1978. Tínhamos tudo para sermos campeões. Inclusive no confronto direto com o Santos, possuíamos a «melhor artilharia», até então o ponto-básico da disputa. Este porém, acabou não prevalecendo na decisão e assim fomos eliminados. Aquele desfecho nos magoou profundamente, tendo sido uma das razões de nossa transferência para o futebol da Arábia Saudita.

Imaginem os senhores torcedores do São Paulo a desilusão do elenco, vendo um título esvair-se entre as mãos? Foi completa.

Não se pode negar, nem tampouco discutir, ter sido esta uma das principais razões de o time de futebol do tricolor, não haver cumprido no torneio de 79 iniciando em seguida, pelo título máximo bandeirante, um desempenho tão bom como no primeiro semestre. Daí as oscilações registradas pela equipe, alternando bons com maus resultados. Quando a torcida ia a um jogo, pensando «ser uma boa», saía de-



Serginho, o «homem-gol» do São Paulo, agora está rindo sozinho; sabe que existe lá no meio do campo, um homem capaz de fazer um lançamento de 40 a 50 metros, para ele poder pegar a defesa adversária desprevenida e sair com os braços erguidos em direção à torcida, comemorando o gol feito

siludida com o desempenho do quadro. No momento do desespero, deixando de tomar conhecimento da equipe, não comparecendo ao estádio para prestigiar a agremiação, o onze apresentava uma conduta excepcional. Da irregularidade nasceu a descrença. Desta, a necessidade de se conseguir excelentes reforços, capazes de provocar a volta dos torcedores do São Paulo aos campos de futebol não só de São Paulo, mas de todo o Estado.

Pensando no «desespero da massa são-paulina», reconhecendo a necessidade de formar um grande elenco, decidiu então o presidente Antônio Leme Nunes Galvão partir para os reforços exigidos. Sabia-se, de antemão, «os pontos fracos» do time. Quando o tricolor conseguiu Ailton Lira, antigo defensor dos Santos, a torcida já ficou contente. Por uma coincidência que sempre é bom lembrar: toda vez que conseguiu algum valor para o meio do campo, com larga vivência, o clube sempre se deu da melhor maneira possível. Isso vem sendo observado há longos e longos anos. Só um «veterano» não deu certo no tricolor: Didi.

Para uma década, verdadeira epopéia, de 40 a 50, os valores levados ao time, como Sastre, Tim, Leônidas, Luizinho, deram imensas alegrias. Depois foi a vez do mestre Zizinho. O tricolor não caminhava bem e precisava de uma simples peça para fazer funcionar toda a engrenagem. Zizinho «já acabado para o futebol carioca», transformou tudo: A metamorfose sentida no onze são-paulino com a presença de Zizinho, foi excepcional. Quando este parou e Didi parecia ser a solução, o «Folha Seca», artífice dos triunfos brasileiros na Suécia e no Chile, estava muito «apagado». A grande solução veio com Gerson. Muitos não acreditavam ser possível a sua transferência do Rio para São Paulo. O extraordinário meia, no entanto, marcou



Ailton Lira o grande meia contratado pelo São Paulo, posa ao lado do time campeão paulista de 1970, esperando repetir esta conquista agora em 1980



Renato se constituiu na maior transferência financeira até hoje levada a efeito por um clube em nosso país: Custou mais de 12 milhões e meio. Ele está certo de que o São Paulo não se arrepende do negócio que fez com o Guarani, de Campinas



O técnico Carlos Alberto não é um homem «limitado» aos treinamentos. Durante uma partida toma decisões importantes, capazes de mudar o rumo de qualquer contenda. Está sempre atento a tudo o que se passa no gramado

sua passagem pelo clube do Morumbi, de forma indelevel. No instante de sua parada, lá estava o excepcional Pedro Rocha. Houve, então, sempre uma seqüência magnífica de jogadores para a «formação» do time.

Com a saída de Rocha, Chirão ficou sozinho ali pelo meio. A vinda de Ailton Lira, cuja característica de jogo — e até mesmo física — é semelhante a de Gerson, foi sem dúvida o primeiro passo para a completa recuperação técnica do time do São Paulo. A alegria dos torcedores, no entanto, não parou na conquista do meia Ailton Lira, um valor cujas virtudes podem levá-lo à própria seleção brasileira.

De repente eis uma boa nova para os tricolores. Assis, um dos melhores atletas do interior, defensor da Francana, também é levado para o São Paulo. Muitos torcedores, talvez, nem saibam direito como jogava ou como se conduzia em campo. Após os primeiros treinos no Morumbi, começaram a sentir, estar ali um craque, na acepção do termo.

Uma outra «bomba», entretanto, antes do final da década, iria acontecer. Por uma razão também merecedora de ampla explicação. Com a saída de Rubens Minelli, um técnico com «T» maiúsculo, o quadro são-paulino também não «evoluiu». Procurando um elemento à altura, a fim de substituir o sr. Mário Juliato na direção técnica, o tricolor pelas mãos do seu presidente e do diretor de futebol José Douglas Dalora, foi buscar em Campinas, o técnico Carlos Alberto. Um homem pouco conhecido quando foi contratado pelo Guarani, mas com uma folha de serviços excelentes, inclusive à testa da seleção do Japão. O trabalho por ele desenvolvido na terra do Sol Nascente foi tão grande e espetacular, que os nipônicos em mais de uma oportunidade insistiram na sua volta àquele país, em condições financeiras excepcionais. Preferiu, no entanto, permanecer no Brasil, e foi o São Paulo o clube preferido pelo técnico, para tornar possível o sonho de todos os tricolores.

Assim, na parte técnica, o tricolor também preenchia uma lacuna, pois o trabalho de Carlos Alberto, foi sempre aplaudido e respeitado.

Para encerrar a década de 70 com «chave de ouro» o presidente Antônio Leme Nunes Galvão e o

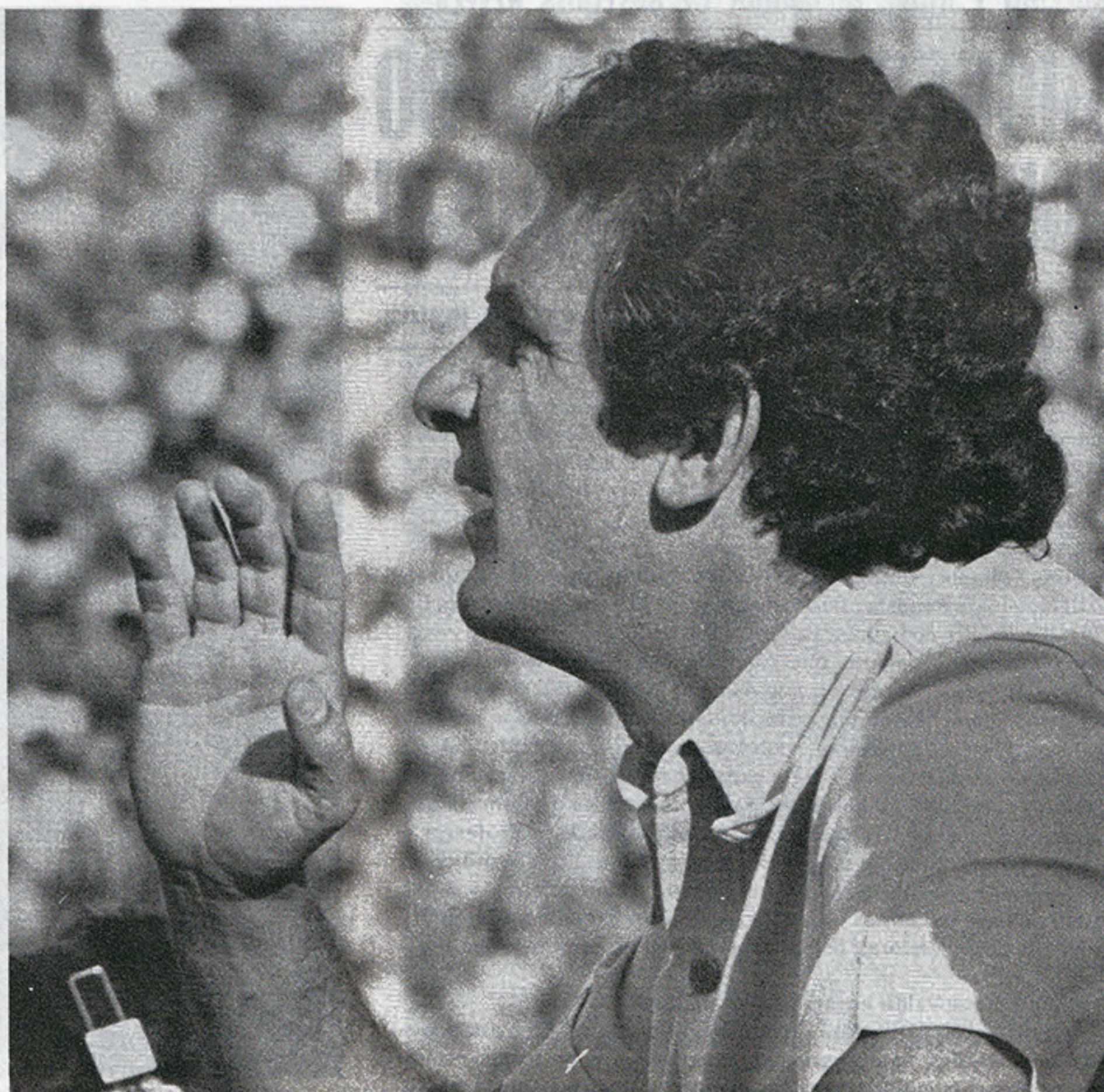


Sobre Renato (ao alto com seu genitor e o diretor José Douglas Dalora) o técnico Carlos Alberto há alguns anos atrás disse: Pelé tornou uma cidade do interior de Minas (Três Corações) conhecida no Mundo inteiro. Renato fará o mesmo com Morungaba, pois é um «gênio». Isto falou Carlos Alberto quando Renato tinha ainda 18 anos

diretor de futebol José Douglas Dalora, acabaram indo buscar, também no Guarani de Campinas, Campeão do Brasil na temporada de 1978 uma das maiores revelações do futebol paulista e brasileiro: Renato. O próprio técnico Carlos Alberto, com o qual trabalhou Renato, ficou exultante com a conquista feita pelo São Paulo, acreditando ser possível, então fazer um trabalho como pretende dentro do grêmio do Morumbi.

Com a temporada se iniciando praticamente no começo de fevereiro, ainda é cedo para tirarmos uma idéia do real poderio do onze são-paulino. O técnico solicitou só um pouco de tempo para poder mostrar serviço. Para saber até onde podem chegar os grandes vultos existentes nas fileiras do São Paulo como Dário Pereira, Getúlio, Zé Sérgio e alguns outros. Estes, justamente com os novos que vieram, poderão tornar o sonho da torcida uma grande realidade: o título paulista e brasileiro.

Tendo o tricolor iniciado a década de 70 com dois grandes triunfos sagrando-se bicampeão em 70 e 71, agora espera repetir a dose em 80 e também nos próximos anos, o que levou a diretoria do São Paulo a comprar alguns dos maiores nomes do futebol paulista e brasileiro. Só esperando, agora, que o técnico Carlos Alberto, dê condições para isso.



Técnico competente e profundo psicólogo, Carlos Alberto é o homem ideal para dar ao elenco do São Paulo a orientação adequada para o time chegar ao título máximo de 1980



Valdir Moraes, um guardião que já enfrentou Pelé, aponta nesta reportagem os melhores arqueiros da atualidade do futebol brasileiro

**VALDIR MORAES,  
EX-GOLEIRO E ATUAL TREINADOR DE GOLEIROS REVELA**

## MAIORES GOLEIROS DO MUNDO EM SÃO PAULO!

Escreveu: SEVERINO PEREIRA JUNIOR

Leir Gilmar da Costa (o Gilmar), 23 anos, nascido a 7.07.56, 1m80, 76 quilos, 6 jogos internacionais, uma das maiores estrelas do Palmeiras e figura de destaque no Paulistão-79 e no Brasileirão, com mais de 95 jogos disputados. José de La Cruz Benitez, nascido a 3.05.52, 1,85, 80 quilos, paraguaio que só não fez chover com a camisa da seleção do País, hoje titular absoluto do Internacional de Porto Alegre. Vanildo Araújo Carneiro, o Ivã, reserva de Gilmar, no Palmeiras, 28 anos, com 1m87, 83 quilos, alguns jogos disputados pelo Campeonato Paulista. José Luiz Esteves, 21 anos, 1m80, 78 quilos terceiro goleiro do Palmeiras.

Estes foram os goleiros que passaram pelas experientes mãos de Valdir Joaquim Moraes ou que estão passando, um experiente treinador de homens que têm a incumbência de não deixar passar gols. Ex-goleiro do Palmeiras, uma tarimba impressionante, hoje, Valdir Joaquim de Moraes, com a experiência que tem, é cobiçado por muitos clubes de futebol. Principalmente o Vasco da Gama, que contratou Leão. E para Leão, Valdir foi um verdadeiro professor.

Para muitos, pode até ser um exagero se gastar 20 ou 30 mil cruzeiros por mês, somente para que um homem treine goleiros, quando existem os mais modernos aparelhos num grande clube de futebol, os melhores preparadores físicos e os mais bem remunerados técnicos.

E como é que Valdir encara essa profissão?

— Uma necessidade para qualquer grande clube. Eles estão fazendo contratações de profissionais experientes e os frutos estão sendo colhidos. Isto ainda trará benefícios futuros, pois nesta posição (goleiro) os profissionais estão melhorando o índice técnico.

Com 43 anos de idade, completados no dia 23 de novembro,

Valdir Joaquim de Moraes, começou sua carreira como goleiro no Rener de Porto Alegre que hoje não existe mais. Em 58 veio para o Palmeiras ser reserva de Anibal e logo ganhou a posição. Naqueles tempos ainda havia Rubens Luz, um argentino muito bom em baixo das traves. Na época, Brandão era o técnico e Mário Frugielli o diretor de futebol. Veio praticamente junto dom Chinezinho e já viu passar muita gente boa no grande time no «Jardim Suspenso».

Valdir Joaquim de Moraes encerrou sua carreira em 63, quando já havia dado muitos títulos ao Palmeiras. Montou uma casa de comércio na rua Mauá, mas a paixão pelo futebol logo lhe fez voltar ao antigo convívio. Como Brandão era frequentador da casa de caça e pesca de Valdir, logo surgiu o convite para que ele fosse treinar os goleiros do Palmeiras. Sua fama ultrapassou fronteiras, tanto é que é muito conhecido por vários goleiros até do exterior. E quem não se lembra do goleiro Olimpia, que há pouco tempo veio treinar uma semana com Valdir?

— É verdade, confessou Valdir. Almeida, goleiro do Olimpia, veio a São Paulo tratar de uma filha e me procurou. Treinou comigo durante uma semana.

Mas, de repente, surge a pergunta:

Para Valdir Joaquim de Moraes, quais são os três maiores goleiros da atualidade, sem se incluir Gilmar, o que ele dirige?

— Para mim, o Valdir Perez, do São Paulo, pela fase extraordinária que atravessa, é o melhor da atualidade. Principalmente porque trata-se de um goleiro experiente. Aprendeu muito com a seleção. Ele esteve lá algumas vezes e mesmo não jogando, aprendeu demais. Viu o ambiente, sentiu de perto tudo o que um goleiro deve sentir. Depois, temos o Carlos da Ponte Preta, reserva do Leão na seleção brasileira, e o João Marcos, do Noroeste de Baurú.

E o Gilmar, Valdir Joaquim de Moraes?



«O arqueiro do S. Paulo (foto) possui larga experiência e atravessa ótima forma. No momento é o melhor do país» assegurou Valdir Moraes

— O Gilmar reúne condições de chegar a seleção brasileira, assim como Marola, que saiu do XV de Jaú para o Santos. É tudo uma questão de chance. Se chegar e jogar, qualquer um destes, ninguém o tira mais da seleção. Antigamente, jovens como estes não tinham chance de chegar a uma seleção brasileira justamente por causa da posição dos clubes. As vezes os goleiros eram grandes, mas os clubes eram pequenos e não lhes davam condições para tanto.

Para Valdir Joaquim de Moraes, existe goleiro perfeito?

— Ainda não vi goleiro perfeito. Isto não existe. No dia em que existir um goleiro perfeito, ninguém vai fazer mais gols. Em termos de futebol, um dos maiores goleiros que existiu foi o Gilmar, e para o futebol, morreu com seus defeitos.

E para que treinador de goleiros Valdir?

— A gente trabalha, também, como espécie de psicólogo. Procura orientar os jovens, fazê-los ver que esta posição é ingrata. A gente procura dar treinos específicos para eles, conversar. Procuramos sempre melhorar o seu índice técnico. Antigamente, um goleiro só podia sonhar com seleção brasileira depois dos 25 anos de idade. Agora, o Gilmar, com 23 anos de idade, já tem condições de ser convocado. Trata-se de um jogador experiente, pronto para jogar na seleção e em qualquer time do Brasil. A única coisa que o Gilmar, como um grande goleiro, ainda não conheceu na sua vida, foi o lado negativo da profissão. Quero ver no dia em que ele falhar e levar «pau» de todo lado. Quero ver sua reação.

Para Valdir Joaquim de Moraes, acostumado a tomar gols de todos os tipos, pois jogou justamente na época em que Pelé jogava futebol, um goleiro, nem sempre, vive de grandes milagres. O «frango» — ele prefere usar o termo falha — também faz parte da vida de um goleiro.

E qual foi o maior frango que Valdir, como goleiro, já tomou?

— Eu estava começando minha carreira no Rener de Porto Alegre. Um tal de Geada, que jogava pelo Grêmio, deu um chutão do outro lado do campo. Eu não dei dois passos à frente; estava dentro do gol. A bola passou por baixo das minhas pernas e de tão devagar que vinha, sua força foi o suficiente para ultrapassar a linha do gol. Não abaixei a cabeça e aquilo serviu como uma grande lição para mim. Para vocês terem uma idéia, a bola ainda ficou enroscada entre minhas pernas, mas dentro do gol. Perdemos aquela partida de 1 X 0 e o Grêmio garantiu sua classificação.

Para Valdir Joaquim, a posição de goleiro é maldita?

— Dizem que é, pois no seu lugar não nasce nem grama, mas eu não considero assim. É tudo superstição. Se não nasce grama é porque no gol é onde se bate bola e onde um jogador fica parado por mais tempo. Para mim é uma posição como outra qualquer, com todos os riscos e vantagens.

E qual o conselho que Valdir daria aos clubes, sobre o problema de ter um treinador de goleiros?

— Que cada um procurasse contratar um especialista para treinar seus goleiros. O Corinthians tem o Julinho. O Palmeiras tem eu. O Santos teve Lalá e o São Paulo o próprio Mário Juliato. Atentem para um detalhe: depois disto, os goleiros destes clubes melhoram seu índice técnico.



Na seleção brasileira, ao lado de grandes craques como Rivelino (foto) Waldir Peres, do tricolor aprendeu muito. «Tem experiência internacional e grande capacidade» ponderou Valdir Moraes



Gilmar, guardião do Palmeiras é um dos melhores vultos apontados pelo preparador de arqueiros do alviverde. Merece até uma convocação



Waldir Peres, do São Paulo, foi escolhido por Valdir Moraes, um homem que conhece bem os arqueiros, como o melhor do Brasil no momento

# Esporte & Gente

Um dos grandes acontecimentos esportivos do ano de 1979, foi sem dúvida a construção da sede da FIFA, em Zurich, na Suíça. Conseguiu o brasileiro João Havelange, presidente da entidade, realizar uma autêntica façanha, um sonho considerado quase impossível. Quando assumiu a presidência da FIFA, sentiu serem insuficientes as dependências para atender as exigências do futebol mundial. Dentro da receita prevista, não havia verba orçamentária. Conseguiu um empréstimo por um determinado período, pagando o prédio de cinco andares, capaz de atender ao desenvolvimento do futebol mundial nos próximos cinquenta anos, apenas com os recursos que passou a ter da revista mensal FIFA NEWS. Uma publicação obrigatória, até então onerosa aos cofres da entidade, que passou a dar lucro e, inclusive pagando as mensalidades alusivas à construção do prédio inaugurado em maio de 1979.



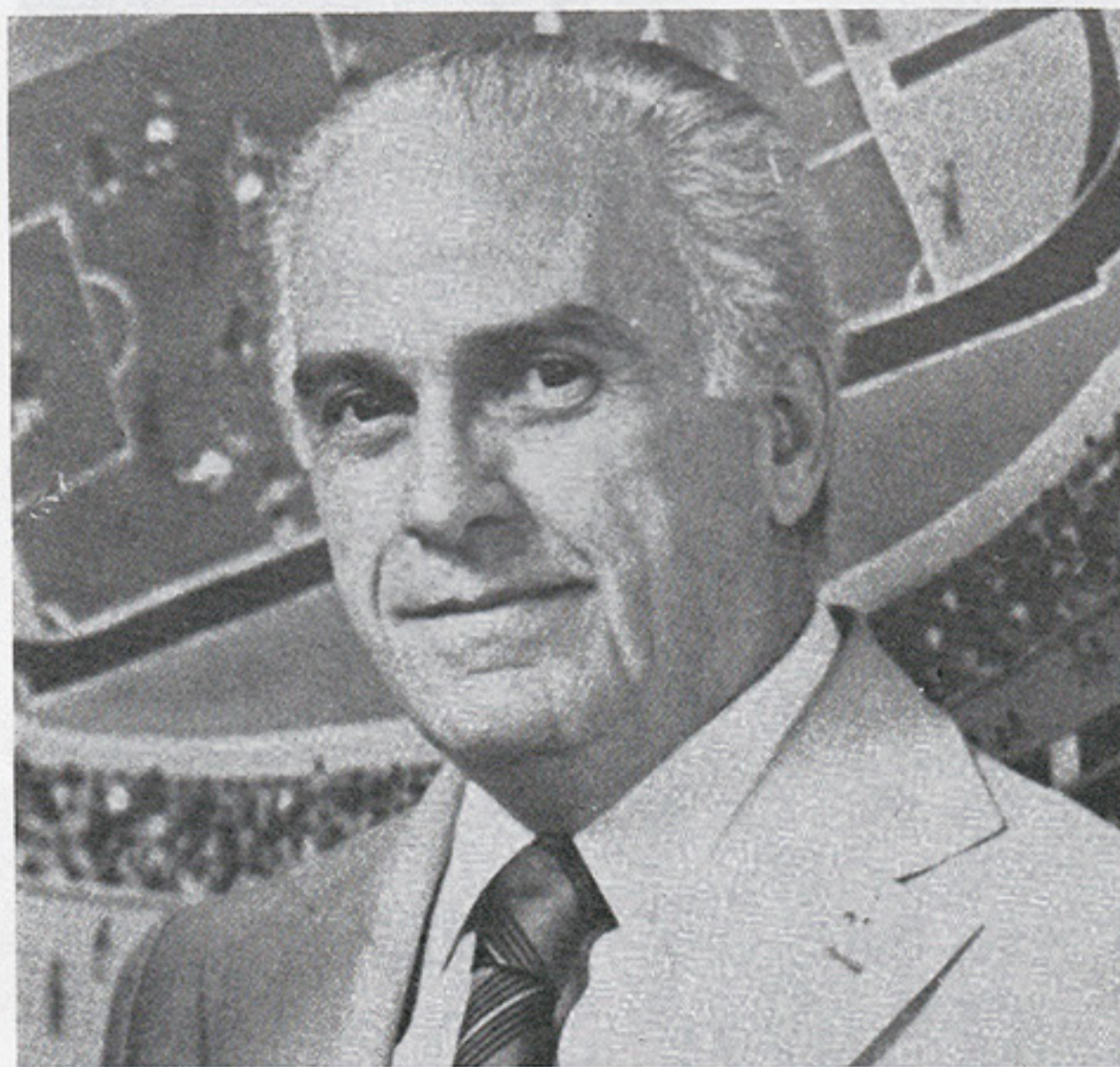
O presidente da FIFA, dr. João Havelange e sua neta Joana. Esta garota, em janeiro de 1982, em Madri, vai proceder ao sorteio dos vários grupos para a Copa do Mundo da Espanha

Giulite Coutinho, novo dirigente máximo do futebol brasileiro, à frente da Confederação Brasileira de Futebol, entende ser «necessária e imprescindível uma reformulação completa dos métodos até então adotados pela extinta CBD». Foi mais além dizendo: «É preciso, antes de mais nada, restabelecer o intercâmbio internacional, para permitir ao futuro defensor da seleção brasileira, tornar-se conhecido no Mundo inteiro (e conseqüentemente respeitado) e, também, para que os nossos futebolistas fiquem conhecendo os seus futuros rivais». Não escondeu, o diri-

gente máximo do futebol brasileiro, a necessidade de um intercâmbio entre clubes e até mesmo a seleção do Brasil contra os vários países do mundo. Não só com os nossos grêmios participando dos torneios internacionais lá fora, como também promovendo grandes certames em nosso país. «Só assim poderemos recuperar um pouco do terreno perdido», admitiu.

Dino Sani, campeão paulista pelo São Paulo, campeão brasileiro e mundial, é um dos mais competentes técnicos de futebol na atualidade. Dirigiu o Penarol com muito brilhantismo logrando conquistar seis títulos, dos oito disputados pelo clube uruguaio. Elegendo os cinco maiores jogadores do mundo, na atualidade, citou inicialmente o inglês Kevin Keegan, que atualmente defende o Hamburgo, na Alemanha; Morena ex-defensor do Penarol; Maradona, da Argentina; Sócrates, do Corinthians e Paz, ponteiro uruguaio que diz ser uma verdadeira maravilha. Ressaltou ainda alguns grandes valores como Falcão, Batista, Zico, Zé Sérgio, Careca, do Guarani, afirmando: O Brasil conta com grandes valores, mas é preciso saber aproveitá-los e bem. Caso contrário, não chegaremos à Espanha, como muita gente «acredita e está apregoando».

Embora tenha levado a efeito, em gramados do Japão, um dos mais importantes torneios do mundo, qual seja o Mundial de Juvenis, o presidente Havelange considerava-se bastante satisfeito com o empreendimento, já que a FIFA não despendeu um centavo com a sua realização e todos os participantes saíram ganhando, pois foi uma grande firma que patrocinou aquele torneio e tem compromisso, igualmente, para levar a cabo o futuro mundial de juvenis a ser disputado na Austrália.



Giulite Coutinho, o novo presidente da Confederação Brasileira de Futebol que pretende manter um forte intercâmbio internacional com clubes brasileiros e até mesmo a seleção nacional, pois entende que o Brasil perdeu muito terreno neste sentido





Carlos Alberto condenou a falta de calendário no Brasil e os métodos usados na própria questão do treinamento. Ele é um dos melhores jogadores do Liga Norte-Americana de Futebol e defende o Cosmos

O Campeonato Mundial de Futebol de 1982, a ser disputado em gramados da Espanha, é o primeiro em todo o Mundo a reunir 24 participantes. Será, igualmente, o torneio que maior arrecadação produzirá, pois até agora pela venda dos direitos de transmissão (rádio e televisão) para todas as partes do mundo, inclusive com a publicidade estática nos Estádios, já foi arrecadada a importância de 100 milhões de dólares. O mundial da Argentina que havia sido o que mais arrecadara até então, chegou aos 45 milhões de dólares, inclusive com a venda de ingressos, o que permitiu aos finalistas ficar com uma excelente soma.

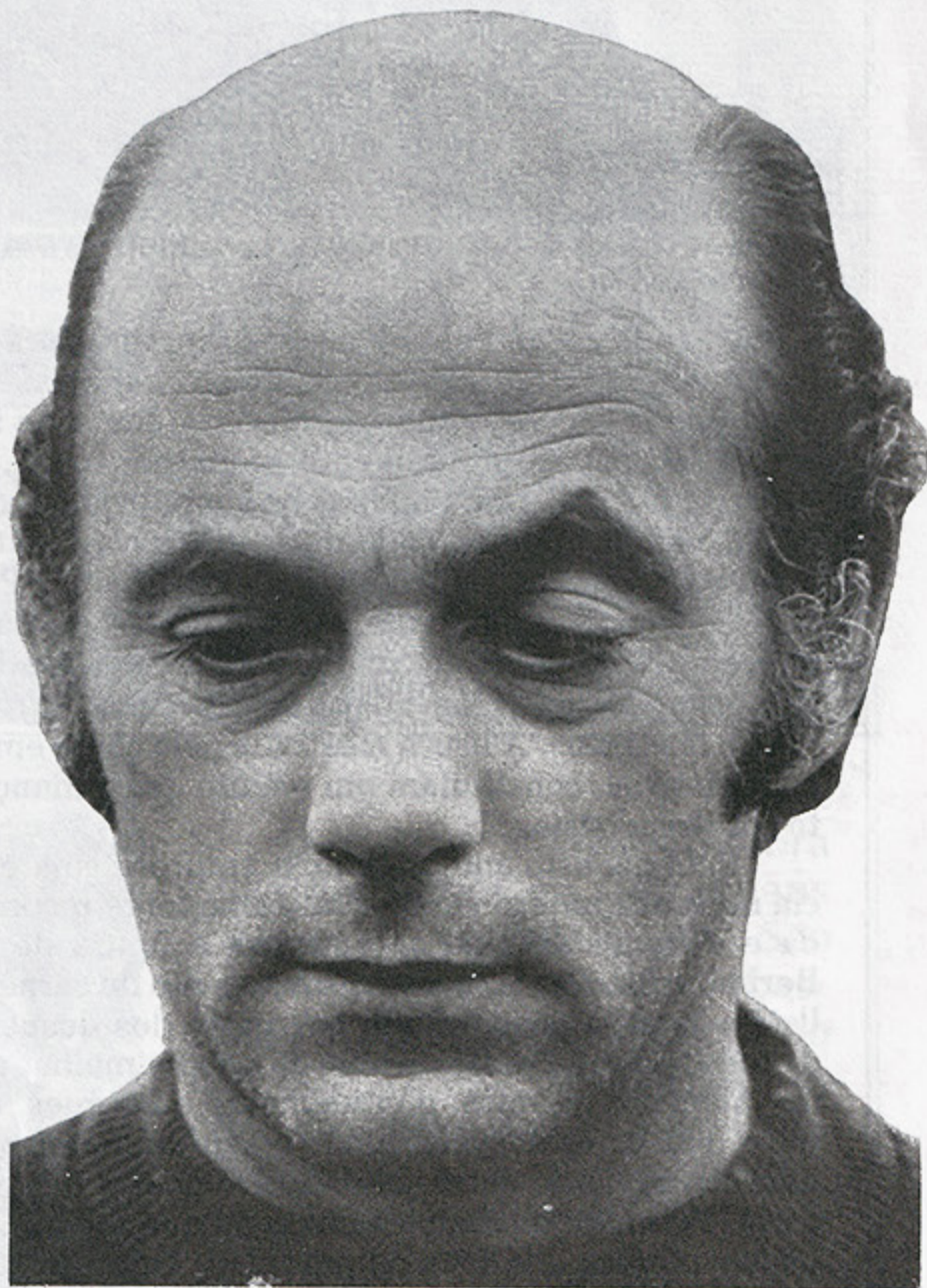
Há um detalhe, entretanto, em torno do certame mundial a ser efetuado na Espanha que poucos tem conhecimento. João Havelange fez um seguro em torno da competição. Desde que esta, por motivos vários como um conflito mundial, uma hecatombe ou contratemplos ditados pela natureza, a Copa do Mundo não possa ser levada a efeito, as três firmas que fizeram o seguro da competição, pagarão uma indenização de 300 milhões de dólares. O que daria para cobrir todas as despesas que a FIFA já começou a ter com a competição, e a própria Espanha com a construção e reformas das principais praças esportivas daquele país que servirão como sede e subsedes do mundial. Poucos empresários, no mundo inteiro, teriam tido procedimento idêntico ao tomado pelo presidente da FIFA.

Na Arábia Saudita, para onde estão convergindo as atenções de todos os desportistas, em virtude do elevado número de técnicos e jogadores brasileiros contratados no último trimestre do ano de 1979, os atletas além de receberem bons prêmios pelas vitórias conquistadas, ganham, igualmente, presentes régios. Alguns Príncipes, encantados, pela conduta de um jogador, autor de gol importante ou decisivo em partidas internacionais, estimula o atleta com relógios caríssimos. Quando o São Paulo lá esteve, o autor do gol de empate contra o time paulista recebeu um relógio «Cartier», de diamantes, avaliado em 8.500 dólares. Há também outros que ganham um carro «Rolls Royce» de presente nos grandes encontros. Roberto Rivelino recebeu, quando fez o gol que garantiu o título da sua

equipe, um relógio cuja avaliação financeira nem pode ser feita por especialistas no Brasil. Não puderam calcular o quanto valia o precioso relógio ganho por Rivelino.

O valoroso zagueiro Carlos Alberto Torres, campeão da equipe brasileira em gramados do México, onde o time brasileiro conquistou o seu último título mundial, atualmente defende o Cosmos, de Nova Iorque. Em sua recente estada em nosso país, salientou que os «futebolistas brasileiros estão muito mal acostumados, principalmente pela completa falta de preparo físico». Revelou, ainda, que no «momento os europeus estão praticando um futebol superior aos brasileiros e sul-americanos e que nos Estados Unidos, o que prevalece é o jogo de conjunto e valores individualistas não encontram oportunidade no «soccer» norte-americano». Criticou ainda, o comportamento dos dirigentes brasileiros, salientando que «agem mais com o coração e menos com sentido empresarial».

Uma curiosidade extraordinária: o Penarol, de Montevideu, está fazendo experiências com três centro-avantes do futebol africano, sobre os quais se dizem maravilhas. O presidente do clube uruguaio (Washington Cataldi) afirmou: «Já os vi em ação e temos chance de escolher, após um período de três meses, aquele que melhor se ambientar ao futebol praticado em nosso país e na América do Sul».



Dino Sani que já foi campeão pelo São Paulo e tem proposta do Roma para ser seu técnico, quando abrir o mercado para técnicos no futebol italiano

# “PAULISTÃO” FAZ A FE



Esta é a fachada da Loja do Paulistão, à praça Júlio de Mesquita, 34 em São Paulo, onde são entregues todos os prêmios conquistados pelos adquirentes do «carnê».

Quando o São Paulo FC, de forma pioneira, mostrou aos torcedores e desportistas em geral, as vantagens que o «carnê» Paulistão oferecia aos seus adquirentes, a idéia foi prontamente aceita por todos, indistintamente. Não foram apenas os simpatizantes do São Paulo, os principais apoiadores da iniciativa. Em todos os grandes clubes como Corinthians, Santos, Palmeiras, Portuguesa, Juventus e desportistas ou não, conhecedores de empenho da palavra tricolor, o «Paulistão» sempre encontrou guarida. O prêmio entrega na hora e dia certos. A lisura mostrada pelo clube em todas as iniciativas, constituíam um crédito de confiança junto aos desportistas.

Entegue este ano, para uma empresa cuja evidência no Brasil inteiro vinha sendo altamente recomendada e à frente da qual se encontra a figura de David Berlim, o São Paulo, neste relançamento do carnê «paulistão» acabou encontrando por parte dos desportistas de todo o Estado (e até mesmo do país) a melhor acolhida. Além dos prêmios, pontualmente entregues, sabe o povo, não estar desperdiçando o seu dinheiro, pois de uma forma ou de outra, ele sempre possui um retorno certo. Pois são muitas as vantagens que o carnê «paulistão» oferece aos seus adquirentes. Daí o êxito, verdadeiramente espetacular, alcançado nesta nova edição do «Paulistão», pois os paulistas souberam como prestigiar esta iniciativa do tricolor do Morumbi.

Da receita apurada, sabem os torcedores para onde

ela se destina. Reverte em favor das obras da praça de esportes do Estádio «Cícero Pompeu de Toledo» onde a cada dia que passa o torcedor sempre encontra um pouco mais de conforto. Ela reverte para os melhoramentos do parque social com a construção de ginásios, sede social, estacionamento, permitindo ao tricolor oferecer cada vez aos desportistas em geral, maior comodidade e segurança.

David Berlim, cuja capacidade em empreendimento, além de uma criatividade incomum, embora acostumado ao êxito de todos os empreendimentos feitos em outros clubes do país, como Internacional de Porto Alegre; CA Mineiro, de Belo Horizonte, além de outras agremiações, não deixou de reconhecer o maciço apoio dos paulistas e confessou:

— Ouve-se, à distância, falar da forma como os paulistas prestigiam as grandes e boas iniciativas. Sendo, no entanto, o São Paulo FC o primeiro clube neste Estado com o qual minha empresa está mantendo este relacionamento, devo confessar estar mais do que surpreendido pelo apoio de todos ao «Paulistão». Justamente por esse motivo o nosso dever é o de corresponder em todos os sentidos à confiança em nós depositada pelo povo de São Paulo.

Na verdade o êxito é espetacular e a promessa feita pela diretoria do São Paulo, com a apresentação do «Paulistão», é a certeza de que a palavra são-paulina não será traída, de maneira alguma.

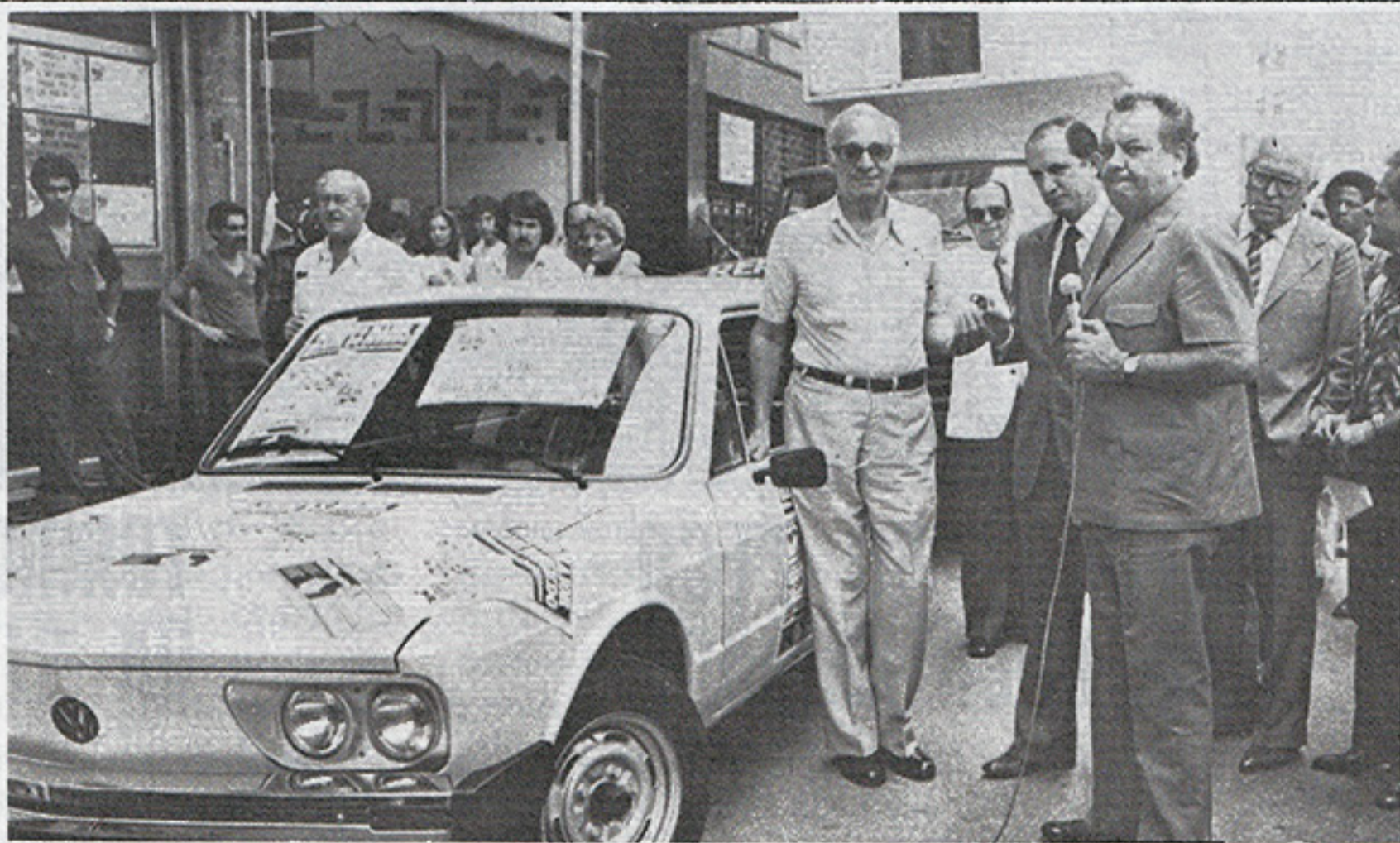
# ELICIDADE DA TORCIDA

## OS PRIMEIROS GANHADORES DO "PAULISTÃO"



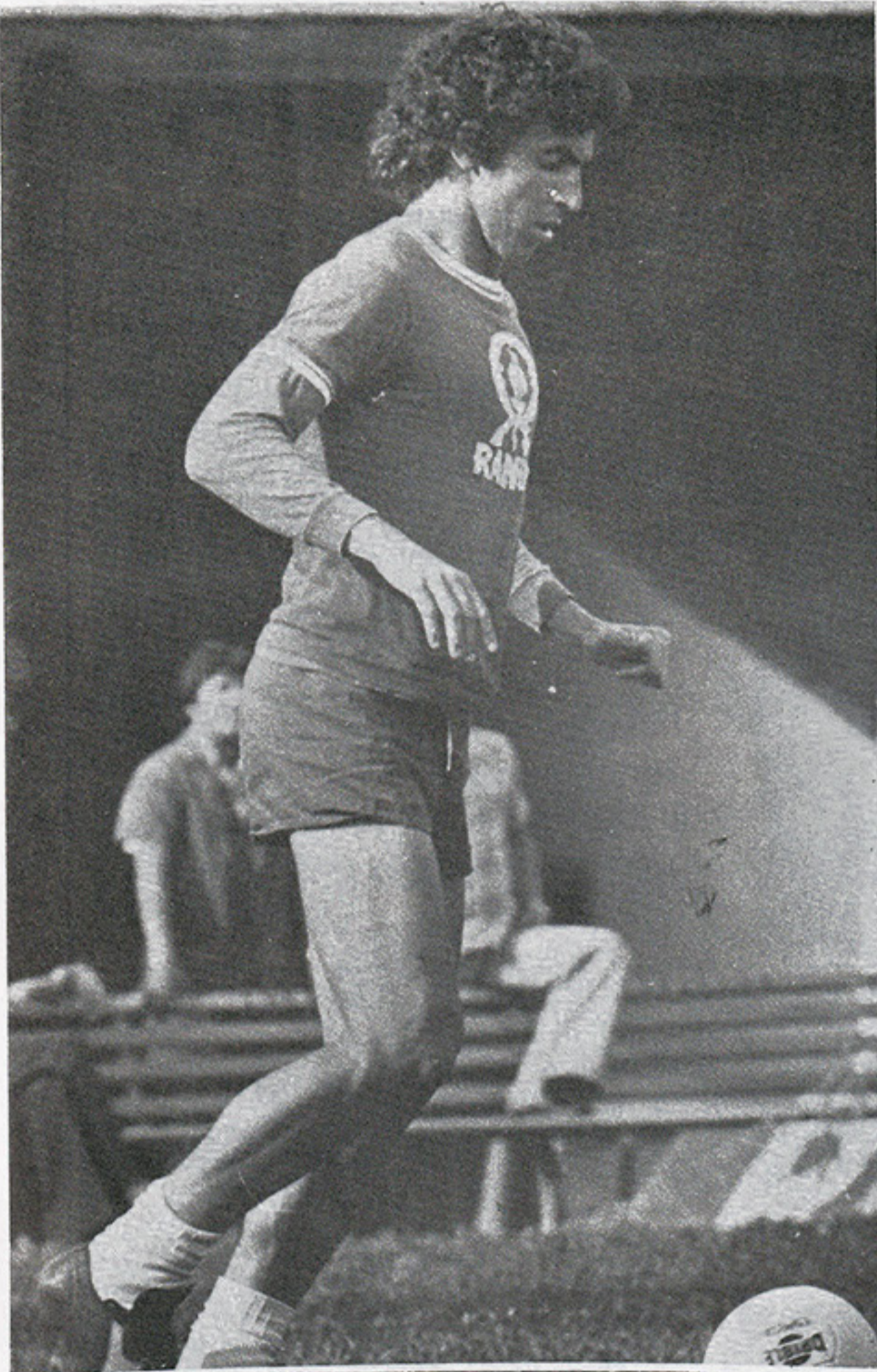
Sr. Paulino Tavares dos Santos, residente na cidade de Salesópolis, estado de São Paulo, à rua XV de Novembro nº 1081. Portador do carnê nº 84.663, série «A», quando recebia das mãos do diretor do tricolor, José Douglas Dalora, a chave do carro por ele ganho. Vemos ainda Peirão de Castro, do Canal 11. O feliz ganhador torce para as cores do Santos FC

Caio Mário de Medeiros, médico, portador do carnê nº 79.679, série «A», morador à rua Bela Vista nº 453, na cidade de Lins, torcedor do São Paulo FC, quando recebia a chave do carro que ganhou das mãos do dirigente José Douglas Dalora, vendo-se ainda, Hélio Setti, diretor do «Mais Querido» e o radialista Peirão de Castro, do Canal 11



D. Carmem Olivia Coimbra Silva, torcedora do Corinthians Paulista e residente em São Caetano do Sul à rua São Sebastião nº. 326, como portadora do carnê nº 79.679, série «B», recebe das mãos do Dr. José Douglas Dalora e Dr. Celso Grellet, sob a supervisão do Canal 11, de São Paulo, TV Gazeta, com o companheiro Peirão de Castro, o seu carro





## ESTEVÃO: SÓ PEÇO UMA OPORTUNIDADE

Estevão, zagueiro central do São Paulo, é um valor que não chegou, ainda, a mostrar tudo o que pode e sabe. Em quase todas as oportunidades, no time principal, jamais chegou a se completar. Principalmente com as dificuldades para a formação do meio do campo.

— Quando um zagueiro de área não tem a devida proteção, a única comparação a se estabelecer neste caso é uma só: um pugilista da guarda aberta. Não estou, é bom salientar, criticando nenhum companheiro. Acontece, no entanto, ter havido sempre uma série de problemas de contusão com Chicão, Teodoro e outros valores, cuja função é a de ser um «libero» à frente da zaga. Quando esta proteção deixa de ocorrer, nem sempre os zagueiros podem dar cabal desempenho das funções.

— Acredito, entretanto, numa coisa certa: agora o time está sendo preparado com grandes vultos e o comportamento do quadro poderá ser bastante diferente na temporada de 1980. Só peço, nesta altura dos acontecimentos, uma coisa: oportunidade para poder me firmar entre os demais valores do time. Acredito ter superado a má fase de contusões e outras, dentro do tricolor, tendo chegado o momento de realmente mostrar aquilo que posso. Eu tenho confiança nas minhas possibilidades e acredito num grande desempenho do S. Paulo em 1980.

Estevão é o destaque da nossa capa.



## TOINHO: A PARADA DA "1" E DUREZA!

Quando veio para o S. Paulo, a esperança do arqueiro Toinho era a de «destronar» Waldir Peres da posição, pois com a sua disposição arrojo e capacidade, ficou a impressão de ser o «novo dono da Um» do «Mais Querido». Não só pelo fato de Waldir ter atravessado uma fase discreta como, também, por ter perdido um pouco a forma, pelo fato de ficar algum tempo na seleção brasileira sem jogar. Quando Waldir Peres recuperou sua melhor forma, Toinho passou a aguardar a vez, tentando recuperar a posição que parecia sua.

— Sabe, a camisa «um» do São Paulo, confessou Toinho, é uma parada. O Waldir Peres além de ser um cara aplicado nos treinamentos, é um profissional que não gosta de perder a posição. Sendo o tricolor um clube «legal» onde os direitos de cada um são respeitados pelos outros, não há nunca motivo de queixa ou reclamação. Além do mais o próprio Waldir às vezes brinca comigo dizendo que não estou fazendo força para tirar a camisa «um» dele.

Sei que posso sair a qualquer instante do tricolor, pois o Moreira também está subindo muito de produção é um homem do meu feitio nem sempre gosta de ficar esquentando «banco». Prefiro, mil vezes, esquentar a cuca do adversário, não deixando passar nenhuma bola. Assim, fico sempre mais à vontade.

Toinho está na contra-capas deste número do Paulistão.

# FUTEBOL SEM POLITICA



Finalmente, após alguns anos de completo «ostracismo internacional», vivendo apenas com a preocupação de certames regionais e um campeonato brasileiro longe de atender as reivindicações de clubes profissionais, temos a impressão de estarmos entrando novamente em ritmo certo. A eleição de Giulite Coutinho (foto ao alto) para a presidência da Confederação Brasileira de Futebol, abriu novas perspectivas aos clubes em geral. Primeiro pela firme disposição demonstrada pelo destacado dirigente em colocar a casa em ordem. Entende Giulite Coutinho ser desnecessário um «campeonato gigante» em todo o País, reunindo clubes sem expressão, cuja presença só causa ônus e prejuízos em geral.

Além do mais a validade de um torneio com sessenta, setenta ou mais clubes é bastante onerosa e o atleta brasileiro deixa de adquirir experiência internacional. Coisa que possuía de sobra antes das Copas de 58, 62 e 70. Após a última conquista brasileira em gramados mexicanos, o futebol brasileiro caiu de maneira assustadora e no resto da década conseguiu apenas dois títulos nos Jogos Pan-Americanos, sendo que um deles «dividido» com o México, país organizador da competição.

Os atletas brasileiro deixaram de ser conhecidos no Exterior. Deixaram de vir convites para os grandes

torneios da Espanha, da Itália e outros países, onde os jogadores acabam se projetando no cenário esportivo mundial. Diante do «caos» observado no âmbito internacional, a primeira providência tomada pelo novo dirigente do futebol brasileiro foi a de estabelecer um hiato entre os certames regionais e o nacional (mês de agosto) capaz de permitir aos clubes do nosso país, poder excursionar ou, então, promover torneios com as maiores equipes do Mundo.

— Isto, ponderou o presidente da CBF, dr. Giulite Coutinho, se aplica também à Seleção Brasileira de Futebol, pois quanto maior for a vivência do nosso futebolista em confronto com os maiores astros do resto do mundo, maior será a facilidade de conhecermos o poderio técnico de nossos «inimigos» como também eles estarão sabendo da verdadeira potencialidade do futebol de nossa terra, passando a nos respeitar como antigamente, o que não vem ocorrendo nos dias de hoje.

Concluindo ponderou ainda o dirigente máximo da CBF:

— É preciso fazer com que os atletas brasileiros sejam respeitados e temidos. É imperioso tornar conhecidos, no resto do Mundo, alguns dos nossos grandes vultos. Então, a única providência a se tomar é exatamente esta de provocar o intercâmbio, para o grande povo sentir novamente as alegrias anteriores. Não podemos «matar» o que temos de bom.

## Basquete e vôlei brasileiros no "raio X"



Robertão e Ubiratan, dois veteranos e consagrados jogadores da nossa seleção.

# AINDA HÁ MUITO PARA SER FEITO



No jogo contra o Bosna, da Iugoslávia, campeão da Europa, o Sírio conquistou o título mundial.

Escreveu OSWALDO BENTINI

Toda vez que é chegada a hora de convocar atletas para a formação de uma seleção brasileira para intervir em determinado evento de repercussão internacional, os técnicos «enfiam a mão no bolso» e retiram a já surrada lista de nomes para divulgar os que serão chamados para formar na equipe nacional. É uma rotina que envolve sempre os responsáveis pelas nossas seleções de basquetebol e vôlei, muito mais o técnico desta modalidade do que o preparador da seleção de basquete, isto porque, o esporte da cesta ainda oferece maiores opções que o esporte da rede, se bem que nem tanto quanto seria o desejável.

E o drama desses abnegados técnicos, conforme a época do ano em que ocorre essa necessidade, aumenta consideravelmente, eis que, não raro, muitos dos convo-

cados — às vezes jogadores-chave nas respectivas equipes — enfrentam problemas relacionados com estudos ou trabalho, nem sempre contornáveis, o que os obriga a pedir, contrafeitos, o seu desligamento, provocando, destarte, um enfraquecimento no poderio da seleção, já tão minúscula de valores.

No basquete masculino, o nosso potencial, em termos qualitativos, pode ser considerado como excelente, haja visto que somos os terceiros do mundo e já alcançamos, inclusive, o respeitável título de bicampeões mundiais, outrossim, soberano na América Latina. E tem mais: ostentamos o título mundial interclubes masculino, através do E.C. Sírio.

Porém, se situarmos o problema do nosso basquetebol em termos nacionais, no que diz res-

peito a sua massificação — e é de uma boa qualidade que se chega à qualidade ideal, o panorama chega a ser desolador. Praticamente, o esporte da cesta brasileiro tem sua força baseada na pujança de São Paulo, de onde sai a quase totalidade dos convocados. Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Paraná, Rio Grande do Sul e Pernambuco — na ordem decrescente — são outros Estados onde o basquete encontra alguma difusão, assim mesmo, quilometricamente distantes em relação ao que se faz na terra de Piratininga, onde o esporte da cesta é difundido plenamente em todas as categorias, a partir do pré-Mini, fazendo com que São Paulo seja o celeiro de si próprio. E se atentarmos à dimensão quilométrica do Brasil e a sua crescente população que já deixou para trás a casa dos 110 milhões de habi-

tantes, concluiremos que o basquetebol, praticamente, inexistente em nosso País, visto ser inadmissível que com tanto território e com uma população das maiores, com predominância da faixa etária jovem, encontremos uma dificuldade das maiores para formar uma seleção nacional, tendo que recorrer, basicamente, sempre aos mesmos elementos, mesmo depois que estes atingem uma idade que não lhes permite competir de igual para igual com outras seleções que se renovam constantemente, como é o caso dos Estados Unidos que têm condições de poderio para formar quantas seleções nacionais pretender. Mas o basquetebol, graças à infraestrutura, ainda permite ao técnico da seleção outras opções, como a que Cláudio Mortari, com muita propriedade e visão, acaba de fazer, chamando

um bom número de elementos praticamente juvenis para, juntamente com alguns mais experientes e traquejados em termos de seleção, formarem nossa equipe, num primeiro chamamento, do qual sairá o elenco definitivo da representação nacional, para os futuros compromissos internacionais. E dessa renovada seleção, logicamente, não se pode, de imediato, exigir os frutos ideais. Ela terá que se entrosar, ganhar cancha e isso só se consegue com o tempo e, necessariamente, com muitos jogos e quanto mais difíceis, melhor. Tivéssemos uma quantidade maior de jogadores e tudo seria bem mais fácil para o técnico.



Nossas volibolistas evoluíram muito, mas o número de jogadoras para formar numa seleção é dos mais restritos.

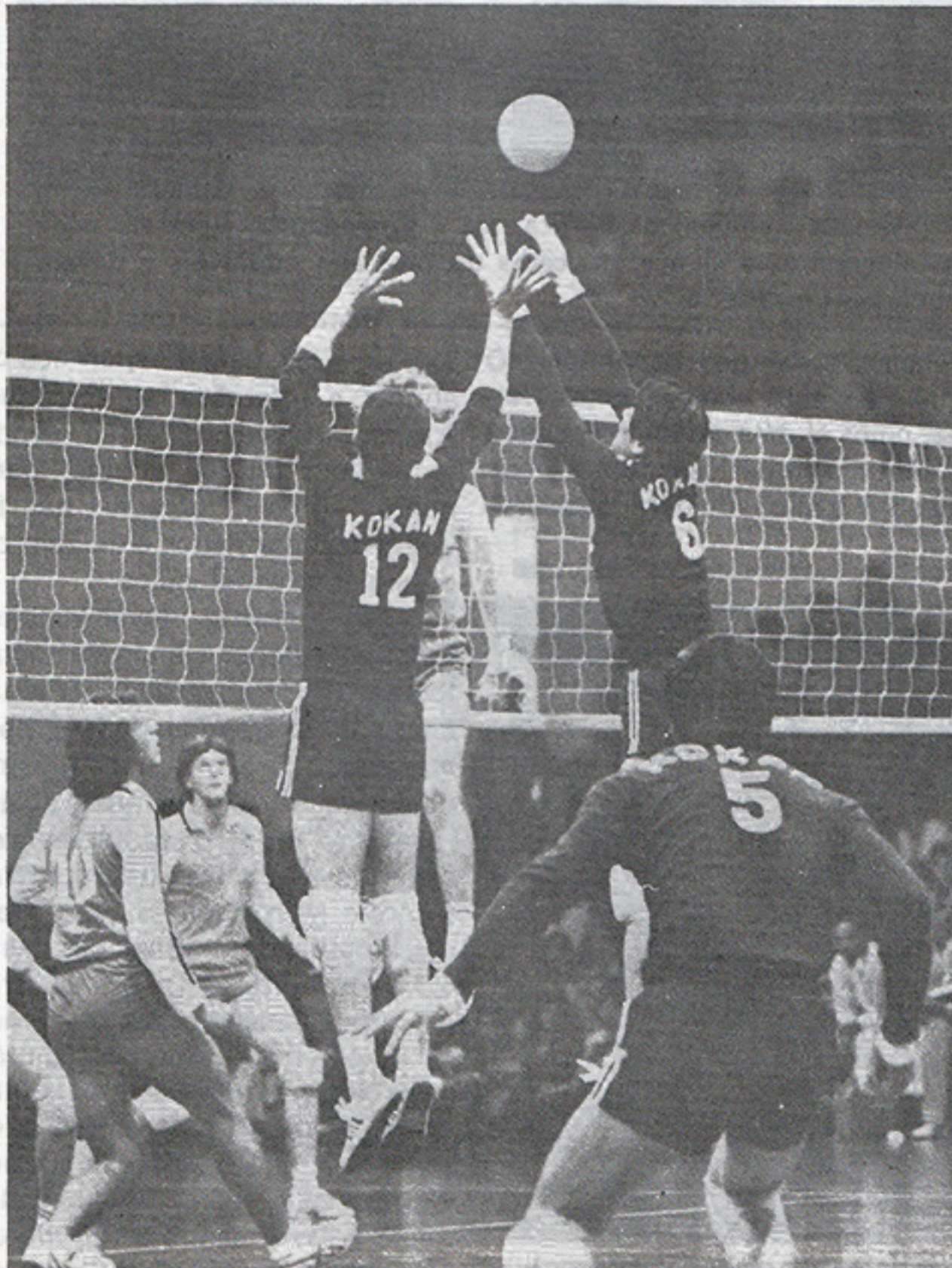
Por aí, pode-se, perfeitamente, dimensionar, quão espinhosa é a tarefa dos técnicos das seleções de basquetebol feminina e de vôlei, tanto masculino quanto feminino. Nestas modalidades, o campo de atuações dos preparadores é muitíssimo mais restrito. E para tanto, basta lembrarmos que São Paulo e Rio, principalmente, e Minas em plano secundário, Estados onde pontifica a

prática do esporte da rede no País, tal modalidade é difundida em poucos clubes, o que limita a atuação dos técnicos dessas seleções ao mínimo possível. Com o basquete feminino, então, a coisa piora ainda mais. E porque? Porque a prática feminina do basquetebol no Brasil limita-se exclusi-

vamente a São Paulo e assim mesmo em cidades de seu interior, especificamente Baurú, Aracatuba, Jundiaí, Campinas, Piracicaba e as da região do ABC. E neste particular, o técnico das moças cestobolistas não tem a possibilidade de jogar com as alternativas da renovação, como o

seu colega da seleção masculina, uma vez que no setor feminino não há tanta proliferação quanto no setor masculino.

Bastante negativo, portanto, o quadro representativo do nosso basquete e volibol, comparativamente a outros países, alguns territorialmente menores e com população igualmente bem menos significativas em números. De indagar-se, então: porque tais países atingiram um nível dos mais invejáveis nesses esportes e nós, com todo o poderio latente que temos continuamos ainda palmilhando a longa estrada que conduz à glória? E o que é pior, de forma indecisa e nada alentadora. Não seria o caso do CND encarar de frente tal problema e buscar, a curto prazo, uma adequada solução para o mesmo? Reconhecemos que não será fácil, mas o importante é «arregaçar as mangas» e começar um trabalho de base, bem planejado, recorrendo-se, se necessário, a todas as forças vivas que podem colaborar nesse sentido. Não custa nada tentar...



Nossa seleção masculina do vôlei é das mais poderosas, porém carece de reservas à altura.



O basquete feminino, com uma seleção jovem, recuperou a hegemonia sul-americana.

# A SALVAÇÃO DO FUTEBOL ESTA NA PROPAGANDA ?



Este é o time do Olympic, de Marseille. Leva uma propaganda das maiores na camisa. Nem por isso, no entanto, a torcida deixa de torcer



O Lille, também da França, faz a propaganda. Com ela pode manter um bom elenco. As cores do time são imutáveis e devem obedecer um critério

O mesmo fenômeno registrado no Campeonato Paulista de 1979 ou mesmo na Copa Brasil do mesmo ano, está sendo sentido e observado em todas as partes do mundo; a diminuição do público nas praças esportivas. Os únicos países, no Velho Mundo, que seguem fiéis à tradição de evitar a propaganda nos uniformes esportivos, seguem sendo Inglaterra e Espanha. Os primeiros em virtude do fascínio que o esporte das multidões continua exercendo sobre seus aficionados. Os segundos, pelas constantes mutações registradas em seus principais elencos, com a conquista de grandes craques, a peso de ouro, fazendo com que as torcidas correspondam às enormes somas despendidas pelas agremiações. Há, igualmente, os torneios internacionais que permitem aos clubes, sanar muitas dívidas e colocar suas finanças em ordem.

Nesses certames os ingres-

os são vendidos com muita antecipação. Eles oferecem prêmios aos adquirentes, via de regra são levados a efeito em cidades menores. Daí o estado de «sobrevi-

vência» geral dos espanhóis. O que não está ocorrendo na Itália, cujos clubes estão começando a sentir a imperiosa necessidade de abrir o mercado para jogadores

estrangeiros, com a esperança de aguçar o interesse do torcedor. Assim, transações estão sendo feitas com muitos atletas, para que os «tifosi» (torcedor) não fiquem decepcionados e deixem de presigiar os espetáculos.

Em recente levantamento feito no futebol italiano constatou-se um fato verdadeiramente anormal: as rendas podem permanecer quase que num mesmo plano de há alguns anos atrás, todavia o número de torcedores caiu de maneira assustadora. Querem os dirigentes, verdadeiros empresários, atinar com esta queda abrupta. Se não encontrarem uma solução capaz de arrancar o torcedor de sua casa, então entendem ser necessário adotar novas medidas para impedir os rombos financeiros acusados por alguns dos principais clubes daquele País. E sendo o regime de uma agremiação italiana igual ao de uma «Sociedade Anônima», não havendo dividendos ao final



Paris St. Germain é um dos mais famosos clubes da Europa. Alinha craques de valor e faz propaganda da Televisão Francesa. Recebe bem





Outro grande clube do futebol francês é St. Etienne. É um dos vinte participantes do certame principal. Todos eles ostentam propaganda

de uma temporada, troca-se o «Gerente» (no caso o Presidente) pois os acionistas não admitem prejuízos. Torcem e gritam pelos triunfos por parte das agremiações. Aceitam a derrota. Mas na hora de perder dinheiro, as coisas mudam de figura.

Este é o triste caminho do futebol brasileiro. Não há clube profissional que não tenha tido «deficit» na temporada de 1979. Os pequenos grêmios do interior do País, colocados num certame nacional, tiveram necessidade de reforçar suas fileiras. Isto custou dinheiro. O esforço financeiro correspondeu? De maneira alguma. Em consequência, alguns dos novos participantes deixaram de sentir atração pela magna competição, pois sentiram não estar à altura de grandes eventos pois o «melhor público», capaz de lotar suas praças esportivas, é insuficiente para pagar as despesas que passam a enfrentar.

Nos grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul ou

mesmo Paraná, as exigências financeiras dos profissionais no tocante às luvas, salários e prêmios, são superiores aquilo obtido nas bilheteria dos Estádios. Quando um clube chega à condição de finalista pode, na verdade, obter algum lucro. Mas no todo o certame é deficitário. Salvam-se todos apenas nos clássicos regionais. Todavia, como estes são disputados cinco, seis e até oito vezes por ano, eles perdem aquele interesse de anos anteriores quando as principais agremiações defrontavam-se duas ou no máximo três vezes por ano. Restava, então, um ano para o torcedor adversário ficar saboreando, sobre o inimigo, os efeitos da grande conquista.

Os franceses conseguiram solucionar todos os seus problemas financeiros, com uma forte propaganda nos uniformes. Os vinte integrantes da Divisão Especial do futebol francês, apresentam, cada um deles, um patrocinador. A firma responsável pelo nome do produto no unifor-



Nimes, que tem sido um onze do destaque no futebol de seu País, é um propagandista daquilo que a sua região possui de melhor. Bem pago

me, cabe a responsabilidade da folha de pagamento. Então o lucro passa a ser da bilheteria ou da venda dos jogos para as emissoras de televisão ou com a propaganda estática nas principais praças esportivas. E não há, numa partida de futebol, nada que não seja negociável.

Por que esse sistema não é adotado pelos brasileiros?

É preciso responder com calma e muita ponderação, pois o assunto é bastante delicado.

Entendem os principais dirigentes uma coisa: a propaganda no uniforme «despersonaliza» o clube. Então — vamos a um exemplo — se o Flamengo (como na França) usa a marca de um determinado produto e o quadro caminha bem, inclusive o retorno daquilo que é despendido por uma empresa vem depressa. Quando caminha mal, há um certo arredo por parte dos próprios patrocinadores. Daí o receio por parte dos dirigentes do nosso futebol de não ver a propaganda nos uniformes aplaudida pelos tor-

cedores. Achem suficiente a cor da camisa, as cores tradicionais, para não perder o apoio dos torcedores. Temem a responsabilidade de enfrentar certas gozações por parte dos «inimigos», como ocorreu recentemente quando alguns clubes procuraram imitar o Grêmio, de Porto Alegre, com a formação da sua «torcida gay».

Houve um mundial (62) em que o Instituto Brasileiro do Café prestigiou a Seleção Brasileira, fazendo esta propaganda de um dos principais produtos de exportação do País. Nem mesmo nos agasalhos as agremiações acham «correta» a publicidade. Todavia, nos treinamentos, a maioria dos nossos clubes usam várias marcas de camisa, pois o material é fornecido de maneira graciosa e estampado em jornais e revistas, que nada cobram pela sua publicação. Se adotam este sistema nas camisas de treino por que não salvar do desastre financeiro com a propaganda direta nos uniformes dos clubes? A resposta cabe aos dirigentes.



Não há uma só agremiação do futebol francês que não seja bem remunerada pela propaganda na camisa. O onze acima é do principal de Monaco



Com cores vivas o Nice também «carrega» na propaganda. Nem por isso, no entanto, sua torcida deixa de prestigiá-lo. Todos ganham com a propaganda

# PITA, UM GAROTO HUMILDE QUE PINTA PARA A SELEÇÃO

A «escolinha» do Vila, como as santistas gostam de carinhosamente chamar o Departamento Infato-Juvenil do Santos FC, tem revelado nestes últimos anos, alguns jogadores de extraordinário porte técnico. Desde o «fim» de um time que pode ser considerado um dos maiores do Mundo, em todos os tempos, onde a figura de Pelé despontava como sua estrela máxima e o elenco tinha como «marca registrada» O Rei e sua Côrte, o clube praiano tem lutado para permanecer entre os maiores do futebol de São Paulo e do Brasil. Embora os seus «olheiros» vasculhem a varzea santista com «olhos de lince», é preciso muita visão e trabalho para selecionar os valores que mostram desde cedo vocação para a profissão.

Foi Formiga, técnico dos infanto-juvenis, hoje na Arábia Saudita, o homem que mudou inteiramente a fisionomia do atual onze santista. Conhecendo bem os garotos que possuía à sua disposição e sabendo o valor de cada um, acabou abrindo as portas da consagração para todos eles. Com esta filosofia de trabalho, deixou de lado valores contratados por elevadas somas, mas cujo rendimento no campo de jogo jamais correspondeu aos anseios da torcida. De uma torcida, e isto é imperioso ressaltar, que se tornou uma das maiores do Estado e do País. A fileira dos «santistas», atraídos pela imagem de Pelé, foi engrossando de tal forma, a ponto de ofuscar em algumas oportunidades os torcedores de outros grandes clubes como Corinthians, São Paulo e Palmeiras.

Da «fornada» de Formiga saíram Toninho Vieira, Gilberto Costa, Rubens «Feijão», Juari, Claudinho e alguns outros, dentre os quais um fadado a ganhar lugar de destaque na própria seleção brasileira: Pita. Um garoto humilde, cuja característica nasce no meio do campo, com excelentes jogadas em sentido de profundidade, sabendo como lançar os companheiros cuja velocidade é espontosa; como dar combate no miolo ou, ainda, entrando de maneira inesperada pela área adversária para desferir o tiro de misericórdia contra as rédes adversárias.

Um valor tão precioso para o elenco praiano que mesmo contundido e sem poder usar um dos pés (o esquerdo), justamente o seu ponto forte, ainda assim entrou em campo na luta final pelo título, pois a direção técnica santista sabia o quanto ele representa, no apoio moral a todos os seus compenheiros. Apontado como uma das revelações do futebol paulista da temporada de 1978, quando o Santos foi o campeão, Pita permaneceu um tempo sem mostrar tudo o que sabe, ressentindo-se, talvez, da contusão sofrida. Agora com a saída de Alton Lira ele é peça fundamental do time praiano. Um craque com «C» maiúsculo. Moço humilde e calado, mas que tem uma virtude extraordinária: sabe como jogar bola.



Desde quando despontou defendendo o Santos na Taça «São Paulo» de Juvenis, o meia Pita despontou como um craque em potencial. E confirmou todas estas virtudes



Na campanha que o Santos desenvolveu para a conquista do título de 1978, derrotando o S. Paulo nessa luta, Pita foi um dos grandes valores do clube praiano

# DIVERSÃO

UMA PÁGINA DE DON OSCAR



Não te falei que com esse penteado ias chamar a atenção?

## PENSAMENTO

Só o dinheiro importa,  
só pelo dinheiro  
o homem se contenta

Eça de Queiroz

*A fama do filósofo Diógenes havia chegado aos ouvidos de Alexandre Magno, que, ao passar por Corinto, quis conhecê-lo. A entrevista se desenvolveu em um curioso diálogo;*

- Sou o rei Alexandre.
- E eu o mísero Diógenes
- Não me temes?
- És bom ou mau?
- Sou bom.
- Pois então por que temer ao bom?
- Vejo que vives muito pobremente. Que queres? Diga-me o que precisas, que irei satisfazer-te
- Que te afastes, e não me tapes o sol

A MAIS ANTIGA CIDADE dos EUA é a de São Agustín, fundada por Pedro Menendez de Avilés, onde desembarcara na Flórida a 28 de Agosto de 1565. Esta cidade é a mais antiga fundação espanhola que subsiste nos EUA.

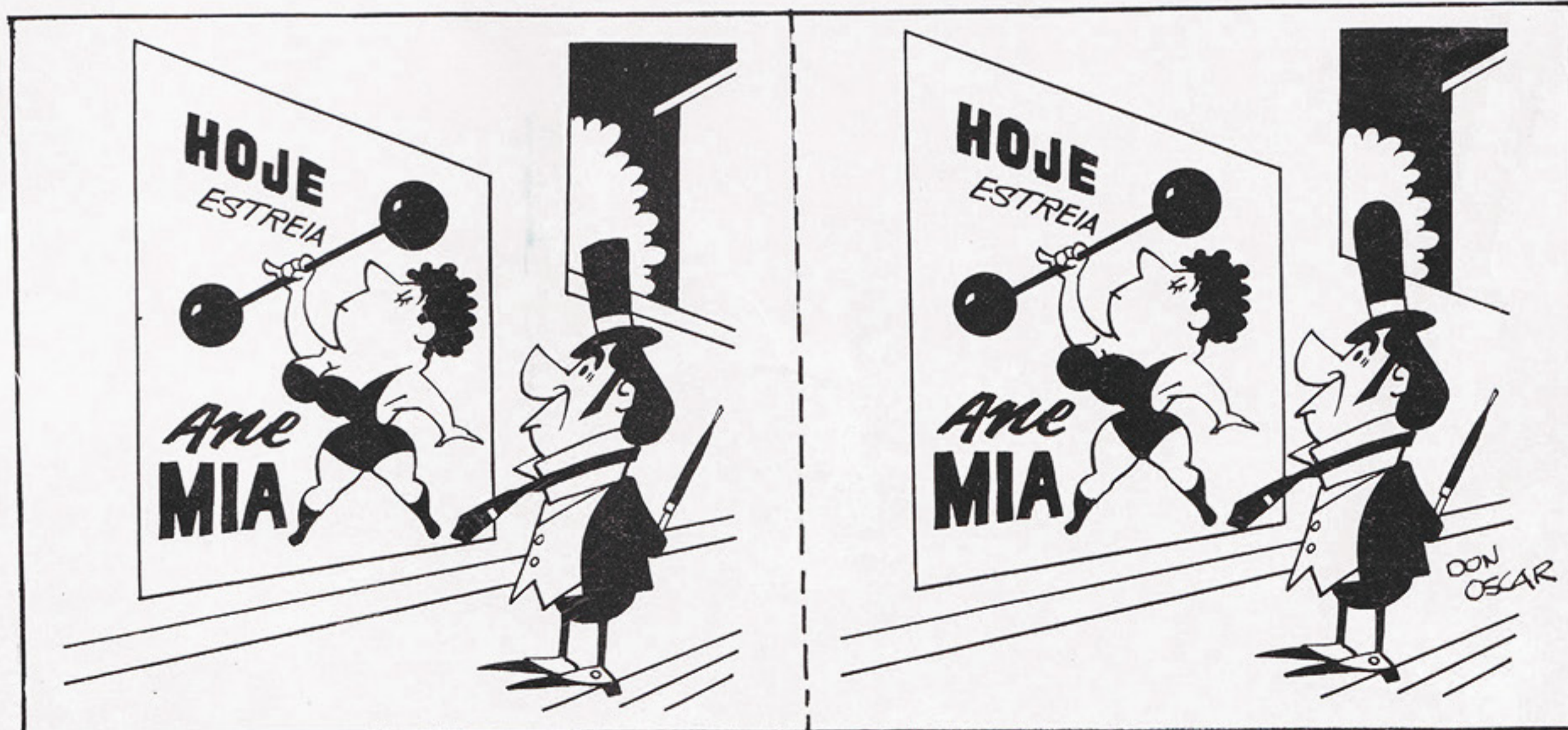
O MAIS ANTIGO JORNAL que se conhece e que ainda hoje existe, é a GAZETA DE PEQUIM publicada pela primeira vez em 382, há, portanto, 1589 anos!

A MAIS ANTIGA CIDADE da Europa é a de Cadiz, na Espanha, fundada pelos fenícios no ano 1.100 AC, que a chamaram de Gadez.



Me empresta aí duzentos mil, vamos rápido!

## JOGO DAS SETE DIFERENÇAS





**DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM**  
**MICHAEL SERRA**

**ARQUIVO HISTÓRICO DO**  
**SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE**  
**2024**



**ONDE A MOEDA CAI DE PÉ**